

VISÃO DO CORREIO

Presidência não é prêmio de reality show

Num país historicamente marcado pela concentração de recursos e decisões em Brasília, conquistar a Presidência significa ocupar o centro de gravidade do poder nacional.

A Presidência da República é o cargo mais poderoso e, por isso mesmo, o mais disputado da política brasileira. Quem conquista o Palácio do Planalto não ganha apenas uma eleição: assume o comando do Poder Executivo e de uma máquina pública cujas decisões atingem diretamente mais de 200 milhões de brasileiros. É essa dimensão do poder que o eleitor deve ter em mente com o início do horário eleitoral gratuito no rádio e na televisão. A Constituição de 1988 confere ao presidente enormes prerrogativas. Cabe a ele nomear e demitir ministros, sancionar ou vetar leis, editar medidas provisórias e decretos, enviar o Orçamento ao Congresso, conduzir a política externa e exercer o comando supremo das Forças Armadas. Também indica ministros do Supremo Tribunal Federal, o procurador-geral da República, dirigentes do Banco Central, embaixadores e integrantes de outros órgãos estratégicos — muitas dessas escolhas submetidas à aprovação do Senado.

É um poder gigantesco, que vai muito além dessas atribuições formais. O governo federal arrecada e movimentava trilhões de reais e executa políticas que influenciam emprego, renda, inflação, crédito, investimentos, educação, saúde, infraestrutura, segurança pública e programas sociais. Uma decisão econômica equivocada pode comprometer anos de crescimento. Uma crise diplomática pode fechar mercados. Uma indicação para o Supremo pode produzir consequências durante décadas.

Num país presidencialista e historicamente marcado pela concentração de recursos e decisões em Brasília, conquistar a Presidência significa ocupar o centro de gravidade do poder nacional. É por isso que a eleição mobiliza partidos, governadores, parlamentares, empresários, sindicatos, movimentos sociais e até interesses internacionais. Não estamos eliminando alguém de um reality show. Estamos escolhendo quem receberá as chaves do Estado brasileiro pelos próximos quatro anos.

Essa dimensão deveria determinar a atitude do

eleitor diante da propaganda. E a campanha dos candidatos, pois, agora, entram em cena marqueteiros, pesquisadores, publicitários, roteiristas e especialistas em redes sociais. Imagens serão escolhidas, discursos testados, biografias reconstruídas e adversários atacados. Tudo isso faz parte da disputa democrática. Propaganda existe para persuadir. Cabe ao eleitor não confundir persuasão com realidade.

Uma campanha pode inventar uma imagem presidencial, mas garante a competência para governar. Por isso, as propostas precisam ser escrituradas. Como cada candidato pretende equilibrar as contas públicas? Como estimulará o crescimento? O que fará contra o crime organizado? Quais são suas prioridades para educação, saúde e infraestrutura? Como financiará suas promessas? Qual será a posição do Brasil diante de um mundo marcado por crescentes tensões geopolíticas? Ou seja, como pretende exercer tamanho poder? Nesse aspecto, a recusa de candidatos a participar de debates não pode ser tratada apenas como estratégia eleitoral. O debate não pertence aos candidatos; pertence ao processo democrático.

Quem pretende governar o Brasil precisa explicar suas ideias, enfrentar perguntas difíceis e confrontar argumentos contrários. Na propaganda, o candidato controla cenário, texto, imagens, edição e interlocutores. No debate, perde esse conforto. Precisa demonstrar conhecimento, capacidade de argumentação e equilíbrio diante do inesperado. Presidente não governa num estúdio de televisão.

Também merece atenção a postura diante dos jornalistas. A imprensa pode e deve ser criticada por seus erros. Outra coisa é hostilizar profissionais porque fizeram perguntas incômodas. Quem pretende administrar trilhões de reais, comandar as Forças Armadas, nomear ministros, indicar integrantes do Supremo e representar o Brasil no exterior precisa estar preparado para responder a perguntas desagradáveis.

Debates e entrevistas também revelam temperamento. Mostram como alguém reage à crítica, ao contraditório e à pressão — situações que fazem parte da rotina de qualquer presidente. O horário eleitoral será uma vitrine. Cabe ao eleitor olhar além delas. A Presidência da República não é prêmio de reality show.



MARCOS PAULO LIMA

marcospaulo.df@cbnet.com.br

A ponta direita está na moda

A venda de Allan do Palmeiras para o Manchester City por 40 milhões de euros (R\$ 240 milhões) consolida uma nova ordem na indústria do futebol brasileiro. Houve um tempo em que a nossa linha de produção semeava, colhia e exportava atacantes de esquerda em série, não necessariamente canhotos. Em contrapartida, havia uma carência imensa de extremos para a direita. Assim como na outra banda, nem sempre destros. Afinal, vivemos a era dos “pontas curupira”, ou seja, com pés invertidos na linguagem moderninha do tatiquês da bola.

Usando a Seleção como base, o Brasil teve Zinho na campanha do tetra em 1994. Quatro anos depois, o reserva Denílson entrava baguncando na ponta esquerda, onde jogava simplesmente Rivaldo. Ronaldinho Gaúcho era mais meia do que atacante no título de 2002, mas depois se instalou no cantinho esquerdo tal como ganhou dois prêmio de melhor do mundo no Barcelona de Frank Rijkaard, em 2004 e em 2005. Na sequência, tivemos Robinho na Copa de 2010, Neymar em 2014 e em 2018 como dono daquele pedaço e Vinicius Junior em 2022 e em 2026.

Não havia essa fatura na direita. A solução quase sempre era o improviso. Carlo Alberto Parreira iniciou a Copa com Rai no papel de meia direita. O camisa 10 perdeu a posição para Mazinho. Em 1998, o canhoto Leonardo atuava na armação pela direita dividindo a criação com Rivaldo. Ambos atrás de Bebeto e Ronaldo. Em 2002, o meia Kleberson arrumou o lado direito. Luiz Felipe Scolari tirou Juninho Paulista. Kaká caiu por aquele setor na Copa de 2026. Quando não era ele, Juninho Pernambucano dava suporte ao lado direito do ataque verde-amarelo. Dunga confiava em Elano em 2010 na África do Sul até perder o pupilo por causa de uma contusão a partir das oitavas de final.

O vácuo de pontas direita começou a mudar a partir de 2014. Luis Felipe Scolari contava com

Hulk na Copa disputada no Brasil. Tite adequava Willian e Philippe Coutinho no setor para privilegiar Neymar na esquerda, mas também contava com Douglas Costa na Rússia, em 2018. Gabriel Jesus também circulava naquela fatia do campo.

O marco definitivo da mudança foi a Copa de 2022. Com a ajuda de Marcelo Bielsa, Tite descobriu Raphinha e também levou Antony ao Catar. O italiano Carlo Ancelotti iniciou a Copa de 2026 com Raphinha e tinha pelo menos três estepes no banco para a direita: Luiz Henrique, Rayan e Endrick. Fomos da escassez à fartura.

Como diria Mário Jorge Lobo Zagallo, o ciclo para a Copa de 2030 começará em setembro, nos amistosos contra Austrália e Índia, com “opções mis” para a ponta direita. Estêvão, o mais talentoso deles, ficou fora da Copa devido a uma lesão muscular. Luiz Henrique encolheu durante o torneio nos Estados Unidos, no Canadá e no México. Rayan saiu grandão. Endrick levou um baque causado pelo gol perdido contra a Noruega e a falha na recomposição pela direita.

Além do fora de série Estêvão, Carlo Ancelotti desfrutava de Rodrygo, com quem ganhou duas edições da Champions League no Real Madrid. Embora tenha iniciado a temporada de 2026/2027 como falso centraovante no Barcelona de Hansi Flick, Raphinha continua sendo uma grife para a extrema direita da Seleção. Antony e Savinho não podem ser descartados. Allan tem tudo para ganhar oportunidades com o italiano justamente onde ele gostava de jogar com Abel Ferreira.

O eixo mudou. Vinicius Junior pinta como única saída pela esquerda, principalmente diante da iminente ida de Gabriel Martinelli para o futebol árabe. Malcom merece chance. Depois de muito tempo, a ponta esquerda da Seleção anuncia uma entressafra, a direita está na moda. Há candidatos de sobra para a Copa do Mundo de 2030.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Mudanças climáticas 1

As cenas são fortes naquelas avalanches ocorridas em território nepalês. Foram centenas de moradores e turistas como vítimas, que somados aos desaparecidos podem ultrapassar mil pessoas! Alguns cientistas atribuem ao descontrole total nas temperaturas do planeta Terra. O aquecimento dos blocos de gelo enormes se soma ao desmoronamento dos blocos de pedras, que, também, foram provocados por um terremoto, segundo um centro tecnológico de monitoramento dos EUA. A consciência coletiva lembra e lamenta caso parecido em barragem de Brumadinho, onde pedras, volumes d’água, morro com areia movediça dá lugar ao mar de lama violento — destruindo com alta potência o que encontra pela frente, numa velocidade assustadora! Outro dia, assisti ao documentário, via YouTube, sobre a vida de famílias nepalenses, que vivem nas montanhas em nível acima de 2.500m do nível do mar. Lá, a lei é o mutirão (franca ajuda mútua) e a criação de gado é usada como moeda de troca nas comunidades; lá, nos picos das montanhas, a vida é feita com árduas labutas, equilíbrio sustentável e muita determinação. As comunidades passam por sacrifícios, mas são portadoras de forças ocultas e elevadas disciplinas! Finalmente, vimos cenas gritantes — naquela tragédia em declive acidental — do corpo de bombeiros salvando pessoas, que foram retiradas de fossos, nadando pelo lamaçal. Deus proteja aquela nação e nosso planeta Terra, livrando-nos da guerra!

» Antônio Carlos Sampaio Machado,
Águas Claras

Mudanças climáticas 2

Diante das históricas iniquidades humanas, a natureza reage com violência. Terremotos generalizados, desastres naturais de toda espécie, incêndios florestais e o El Niño batendo à porta, anunciando que o que vem é mais impactante ainda. A ONU alerta para o impacto na produção de alimentos e a fome atingindo grandes populações, além da falta de água. Diante desse panorama, a humanidade deveria agir rápido, visando minorar o sofrimento que advirá. Mas não, a vida inconsequente prevalece cada vez mais, parece que as pessoas não acreditam nos prognósticos e vaticínios da ciência, das religiões e dos místicos. Avisos não faltam, mas as providências são retardatárias.

» Humberto Pellizzaro,
Asa Norte

Candidatos

Eles e elas são quase invisíveis. Aparecem com traço ou um por cento nas pesquisas. Com cara alegre e calorosos abraços. Não desistem. Abrigados em partidos de pouca ou nenhuma representatividade. Candidatos de partidos que não contam com deputados nem senadores no Congresso Nacional. Pertencem ao grupo reduzido de candidatos desconhecidos e sem recursos à Presidência da República. Não são convidados para palestras no poderoso grupo da Faria Lima. Não dispõem de míseros segundos no rádio ou na televisão na campanha eleitoral que começou. Apresentam-se de cara limpa. Sem recursos. Com escassos cabos eleitorais. Gastam solas de sapato, andando nas ruas, panfletando suas ideias, junto aos pedestres, em lojas, botecos, restaurantes, hospitais. São homens e mulheres dignos e trabalhadores. Raramente são convidados para selfies. Nas veias e no coração, um forte sentimento de brasilidade e amor ao Brasil. Alimentam sonhos. Levam suas propostas ao eleitorado da mesma maneira dos candidatos fortes e

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || 3214-1157

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Começou o horário eleitoral. A abertura, todos os dias, deveria ser: Hoje tem espetáculo? Tem, sim, senhor! Hoje tem marmelada? Tem, sim, senhor! E o palhaço quem é? Infelizmente, nós, eleitores.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Brasília passa por um período de seca. Por isso, é preciso ficar atento aos riscos à saúde e manter-se sempre hidratado. Cuide-se.

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte

ricos, filiados a partidos com milionários fundos eleitorais. Que dispõem de carros de som, centenas de cabos eleitorais bem pagos, carros, bons hotéis, aviões, marqueteiros, nomes conhecidos do eleitor. No time dos candidatos pobres e desconhecidos, pelo menos um deles, um veterinário, já ganhou o carinho e a atenção dos eleitores, apresentando-se na televisão, em rede nacional, como defensor de abrigos para gatos e cães. Deus entrevista rodeado de felinos sem lar. Até agora, nenhum dos candidatos com sorrisos espalhafatosos teve cativante e semelhante iniciativa.

» Vicente Limongi Netto,
Asa Sul

Melhoria em parque

O Parque Ecológico da Asa Sul está recebendo melhorias significativas. Banheiros, instalações infantis, novos equipamentos etc. estão sendo disponibilizados. Agora, a administração precisa avaliar a construção de um estacionamento no local.

» Marcos Figueira,
Sudoeste

Milei

Javier Milei, o libertário, importou da China 400 milhões de cédulas de 20.000 pesos. Quando o calo aperta — fiquem à vontade para substituir a parte do corpo —, é na China comunista, comedora de criancinhas, que os libertários vão buscar alívio. Vindo de Javier Milei, não é pragmatismo, é hipocrisia.

» Marcus Aurelio de Carvalho,
Santos (SP)

Mais emprego

Desemprego cai e número de pessoas ocupadas bate recorde histórico, como resultado do acerto da política econômica do governo. Em seu julgamento, a população deve seguir o dito popular, segundo o qual em time que está ganhando não se mexe.

» Sylvio Belém, Recife (PE)

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweeb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotografias são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D4

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br